



ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECÁRIOS

ENSAIOS APB

**A LEITURA E O LEITOR:
uma relação dialógica**

Clarice Fortkamp Caldin

Ensaio APB, n. 92

APB - ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECÁRIOS - APB

**A LEITURA E O LEITOR:
uma relação dialógica**

Clarice Fortkamp Caldin

Ensaio APB, n. 92

APB - ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECÁRIOS - APB

**A LEITURA E O LEITOR:
uma relação dialógica**

Clarice Fortkamp Caldin

Ensaio APB, n. 92

**São Paulo
Julho
2001**

A LEITURA E O LEITOR: uma relação dialógica

Clarice Fortkamp Caldin ¹

1 INTRODUÇÃO

Os estudiosos da Teoria da Literatura costumam assinalar que no Romantismo e século XIX a preocupação é com o autor. A partir daí, o foco se desloca para o texto e, nos últimos anos do século XX, a preocupação é com o leitor.

A corrente da estética da recepção, na década de 1960, ao privilegiar a relação autor-obra-público, incorporou também a relação leitor-sociedade. Nesse sentido, os espaços vazios de texto literário e o horizonte de expectativa do leitor, apregoado por Wolfgang Iser, permitem-nos averiguar como o receptor (leitor) do texto reelabora sua leitura a partir de inferências da realidade. Dessa forma, ler se transforma em um processo dinâmico, o leitor indo além do texto, ao identificar o que está ausente ou obscuro.

A Escola de Constança que organiza os princípios da Estética da recepção tem em Iser uma das expressões que trata em particular das “estratégias” adotadas pelos textos e dos “repertórios” de temas e alusões familiares (ISER, 1996). A teoria da recepção de Iser, baseia-se, acredita Terry Eagleton (1997, p.109) “em uma ideologia liberal humanista: na convicção de que na leitura devemos ser flexíveis e ter a mente aberta, preparados para questionar nossas crenças e deixar que sejam modificadas.” Eagleton compara

¹ Professora do Departamento de Ciência da Informação, do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina; Mestrado em Literatura, área de concentração Literatura Brasileira, em 2001, pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Iser com Barthes. Enquanto Iser se concentra, sobretudo, na obra realista, Barthes oferece uma explicação bastante contrastante da leitura, ao focar o texto modernista que dissolve todos os significados precisos em um jogo de palavras que parece desfazer os sistemas de pensamento repressivos com uma incessante oscilação da linguagem. Consciente da dimensão social da leitura, Iser prefere concentrar-se, acima de tudo, em seus aspectos estéticos.

Deve-se ressaltar que outro membro exponencial da Escola de Constança, Hans Robert Jauss, tem uma consciência histórica mais aguda do que Iser. Procura situar a obra literária num "horizonte histórico" e explorar as relações da obra com o leitor (Jauss, 1979). Jauss afirma que somente pela relação dialógica da obra com o leitor é que se concretizam o caráter estético e o papel social da arte. Introduz as três categorias básicas da tradição estética: *poiesis* (prazer ante a obra que nós mesmos realizamos), *aisthesis* (prazer estético da percepção reconhecedora e do reconhecimento perceptivo) e *katharsis* (aquele prazer dos afetos provocados pelo discurso ou pela poesia, capaz de conduzir o ouvinte e o espectador tanto à transformação das suas convicções quanto à liberação da sua psique).

Deve-se ressaltar, também, o pensamento de Jean-Paul Sartre que anuncia ser a recepção de uma obra literária nunca apenas um fato exterior a ela – que todo texto literário é construído já pensando no "leitor implícito". O estudo de Sartre propõe-se a formular a pergunta: "para quem se escreve?" (SARTRE, s.d.).

É pertinente, ainda, observar as conclusões de Zumthor formuladas a partir do discurso-programa de Jauss: que o fato de o texto "ser recebido pela leitura individual direta ou pela audição e espetáculo modifica profundamente seu efeito sobre o receptor, portanto, sobre sua significância" e deve-se, "para definir a obra como objeto de arte, levar em consideração, primeiramente, a natureza e a intensidade de seu efeito sobre o público" (ZUMTHOR, 1993, p.23).

Atualmente verifica-se a preocupação com o impacto subjetivo da leitura - objeto de análise das mais recentes teorias da leitura. De Jauss e Iser, aos estudos atuais, o processo da leitura ganha espaço no campo da teoria literária, e muitos pesquisadores se preocupam em verificar sua contextualização histórico-social.

É o caso, por exemplo, de Heidrun Krieger Olinto, em um estudo do desenvolvimento das teorias da leitura. Olinto cita Iser com sua teoria de leitura como ação participativa entre o texto e o leitor, e aponta sua falha em esquecer o contexto social, ao se preocupar apenas com o papel do leitor e com o ato da leitura. A esse respeito, considera mais pertinente a teoria de Jauss, que insere o leitor no contexto social. Observa que a tendência a partir da década de 30, do *New Criticism*, e dentro deste, do *Reader-response criticism*, é de tanto enfocar o leitor quanto sua atribuição de sentidos literários. Apresenta com representante mais expressivo dessa nova tendência Stanley E. Fish, o qual acredita que os leitores não interpretam o texto, mas o criam (OLINTO, 1994).

2 ESBOÇO HISTÓRICO DA LEITURA

Ao focar a história da leitura, Cavallo e Chartier (1998) asseguram que no mundo grego e helenístico existia o discurso falado (para Platão, útil ao processo de conhecimento) e o discurso escrito (destinado à leitura). Na época, a função da leitura era a de contribuir para o funcionamento da democracia e a função do livro era a da conservação do texto, fixando-o num suporte a fim de trazê-lo à memória, visto que estava a serviço da cultura oral. As últimas décadas do século V a.C. pareceram delimitar as fronteiras entre o livro destinado quase somente à fixação e conservação e o livro destinado à leitura.

Pela iconografia pode-se verificar que a leitura era um hábito em sociedade. A leitura em voz alta era mais difundida - própria da pólis - mas, têm-se o testemunho de Eurípedes e de Aristóteles quanto à existência da leitura silenciosa.

Na época helenística, mesmo permanecendo a transmissão oral, o livro começou a desempenhar um papel fundamental, observado pela criação de bibliotecas. Em Roma, a partir dos séculos III a.C., o uso do livro se expandiu e a leitura, que se processava nas classes elevadas de forma privada, adquiriu um novo sentido com o progresso da alfabetização, a grande produção escrita e a criação de bibliotecas públicas e incremento das particulares. Apareceram textos novos ou refeitos para novas faixas de leitores e se produziu um novo tipo de livro: o codex.

Na Idade Média o codex se firmou como instrumento de leitura. No ocidente latino medieval prevaleceu a leitura murmurada ou silenciosa, concentrada no interior das igrejas, das celas, dos claustros e das escolas religiosas, com a finalidade de se conhecer a Deus e salvar a alma. Existia, entretanto, um exercício de leitura em voz alta, praticado nas igrejas e nas escolas.

Desde o final do século XI até o século XIV, renasceram as cidades e cresceu o número de escolas, o que leva a uma complementação das práticas de escrita e de leitura. Nesse período, a leitura assumiu um novo significado: não apenas compreender o que está escrito, mas entender o significado do texto. Foram criadas técnicas auxiliares de leitura: rubricas, sinais de parágrafos, títulos de capítulos, separação entre texto e comentário, sumários e índices.

No século XII, nasceu o modelo de biblioteca destinada à leitura, com espaço físico modificado: amplo e urbano. Surgiu o livro em língua vulgar e predominou a leitura silenciosa.

Na Idade Moderna, entre os séculos XVI e XIX, as evoluções históricas, a industrialização, o processo de alfabetização e a religião influenciaram nas práticas de leitura do mundo ocidental, que não foram as mesmas em todos os países.

A primeira revolução da leitura da Idade Moderna seria a transformação do livro em objeto e instrumento do trabalho intelectual; a segunda revolução seria a transformação da leitura intensiva (marcada pela sacralidade e pela autoridade) em leitura extensiva (livre, desenvolta, marcada pelo aparecimento do romance e da literatura de cordel). Atualmente, vivemos a terceira revolução da leitura, com a transmissão eletrônica dos textos e as maneiras de ler que ela impõe.

Assim, a história da leitura propriamente dita começou desde que o homem aprendeu a utilizar um código de escrita, mas, pode-se dizer que a história do leitor iniciou-se com a imprensa, com o desenvolvimento do livro, com a escolarização das populações urbanas, com o sentido da família e com a idéia do lazer. Se, desde os gregos já existia a prática da leitura, foi a burguesia a criadora de leitores - conforme afirmam Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1999). No dizer das Autoras, a história do leitor começou propriamente no século XVIII europeu, com a impressão de livros e sua distribuição pelo capitalismo emergente, com a obrigatoriedade do ensino e com a noção de entretenimento. A oralidade, até então predominante, foi aos poucos desaparecendo com o predomínio do texto literário escrito. Infiltraram-se, entretanto, os contos populares e contos de fadas nos primeiros livros escritos para crianças. O novo leitor, transformado em consumidor, deixou de ser sujeito passivo e adquiriu *status* de agente crítico.

Basicamente, o marco divisório da história da leitura é a introdução da separação entre palavras. Paul Saenger (1995), num estudo sobre a fisiologia da leitura, mostra a diferença entre o leitor do mundo antigo, e o leitor moderno. O primeiro não nutria interesse pela rapidez da leitura, mas se comprazia no

escutar o som da própria voz, visto que a leitura em voz alta era o usual. Quando realizava a leitura silenciosa, era em função da privacidade. Por outro lado, o leitor moderno cultiva o hábito da leitura silenciosa como meio de apreender rapidamente as informações. A escrita contínua das línguas indo-européias exigia um esforço mental do leitor antigo, que o leitor moderno não consegue imaginar e explica a predominância da verbalização do texto como auxiliar da compreensão e memorização.

3 QUE É, AFINAL, A LEITURA?

Para Roland Barthes, "ler é encontrar sentidos, e encontrar sentidos é nomeá-los" (1980, p.16). E o leitor já traz, de outras leituras, conhecimentos e expectativas. Não é, portanto, imparcial nem inocente a maioria das vezes. Quase sempre sabe o que quer e o que busca no texto que tem em mãos. Daí a leitura pressupor atividade incessante, em que o leitor se movimenta pelo texto, nomeando os sentidos, esquecendo-os e voltando a nomeá-los. Proust (1991, p.33) vê a leitura sob dupla óptica: de estímulo aos espíritos preguiçosos, e de disciplina criativa.

O ato de ler, na concepção de José Morais, oscila em torno de um desafio, um prazer pessoal e um problema social. Desafio porque a arte de ler é uma arte menosprezada, que o homem realiza automaticamente, sem pensar. Prazer pessoal porque já foi comparada ao sonhar, ao pastar, e ao digerir, respectivamente por autores como Fernando Pessoa, Roland Barthes e Nietzsche. Um problema social porque a demanda da sociedade é por pessoas leitoras e letradas e, mesmo no final do século XX, a leitura ainda foi mal compartilhada, mesmo nos países desenvolvidos (MORAIS, s.d.).

A respeito do prazer de ler, Roland Barthes (1988) introduz a noção de três espécies de motivação para a leitura. A primeira seria uma relação

fetichista, em que o leitor tira prazer das palavras. A segunda, o suspense que conduz ao desvendamento. Por último, o prazer de escrever derivado do prazer de ler.

E para que exista o desejo de ler, assinala Daniel Pennac (1998), é necessário não utilizar o verbo *ler* no imperativo. O dogma – a necessidade de ler – funciona como um impedimento ao prazer da leitura. Para recuperar esse prazer, o autor elenca dez direitos “imprescritíveis do leitor”: o direito de não ler; o de pular páginas; o de não terminar um livro; o de reler; o de ler qualquer coisa; o direito ao bovarismo; o de ler em qualquer lugar; o de ler uma frase aqui e outra ali; o de ler em voz alta e o direito de calar.

A professora e pesquisadora Eni Orlandi (1996) define a leitura, em sentido amplo, como uma atribuição dos sentidos. Apresenta a polissemia da noção de leitura e a põe como uma questão não somente lingüística como também, pedagógica e social. Orlandi (1983) trabalha com a análise do discurso e, nessa perspectiva, a leitura é algo produzido. Distingue entre a leitura parafrásica, caracterizada pela reprodução do sentido apresentado pelo autor, e a leitura polissêmica, determinada pela atribuição de múltiplos sentidos que o leitor fornece ao texto.

Um outro pesquisador da leitura, o professor Ezequiel Theodoro da Silva, define leitura como uma atribuição contínua de significados, que tem como funções a circulação da cultura e uma forma de participação entre as pessoas. Para Silva, o leitor transforma o texto e transforma-se, e, assim, constituem-se três propósitos fundamentais da leitura: “compreender a mensagem, compreender-se na mensagem e compreender-se pela mensagem.” (SILVA, 1981). A leitura é, assim, vista como um deciframento e um desdobramento do texto. Em outro estudo, o Autor vê a leitura como uma pugna contra a alienação, ao possibilitar ao homem alcançar sua liberdade pela contestação e pela criatividade (SILVA, 1985).

4 QUAL O PAPEL DO LEITOR?

Partindo-se da premissa de que sem o leitor não haveria textos literários, ele é a figura principal do estabelecerem-se conexões implícitas, fazerem-se deduções, comprovarem-se suposições e darem-se sentido ao trecho escrito.

Só recentemente a figura do leitor-intérprete adquiriu novos contornos, pois a leitura de textos escritos passou do sagrado ao literário sempre com mediadores: sacerdotes e críticos. Vale lembrar, também, que a submissão à religião cristã, na Idade Média, implicou numa interdição à interpretação e a submissão à literalidade da língua, no século XVII, envolveu uma dependência à objetividade da linguagem. Somente a partir do século XVIII apareceria a figura do intérprete com direito à responsabilidade de conferir sentidos à leitura.

Dessa forma, o leitor é a personagem transformadora da literatura, desde que a ele foi dada a opção de várias leituras. De acordo com René Wellek e Austin Warren (s.d.), a especialização da imprensa, no século XIX ocasiona o surgimento de diversos públicos leitores: a criança, o jovem, o comerciante, o empresário, o solitário, o romântico, o religioso, o amante de aventuras, entre outros.

Existe, portanto, uma dependência do autor para com o leitor, visto que o primeiro depende da aprovação e preferência do segundo. Além disto, o autor está sujeito à supervisão do Estado, recebe influência da sociedade, mas também a influencia. Observa-se, então, uma constante imbricação autor-texto-leitor, um influenciando o outro, em um entrelaçamento de idéias, pois a linguagem literária é altamente conotativa.

Modifica-se nos últimos anos do século XX o papel do leitor – de agente passivo dos sentidos do texto, para fornecedor de sentido. A esse respeito, as

peças são diferentes e cada uma atribui um sentido seu ao que lê. Partindo-se desse pressuposto, os textos não são pluri-significativos, mas é a leitura que se configura como polissêmica.

Ao enfatizar os aspectos cognitivos da leitura, Ângela Kleiman (1999) aponta a experiência prévia na leitura como fator decisivo para a perfeita compreensão do texto. Observa, além disto, a importância que os objetivos e expectativas individuais de leitura têm no leitor. Considera importante o papel do autor do texto ao interagir com o leitor em uma relação de "responsabilidade mútua". Pode-se dizer, então, que o leitor usa seu conhecimento prévio e sua experiência cotidiana para inserir sentidos no texto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura é um processo de aprendizado contínuo na busca de conhecimento ilimitado, uma ajuda para formar indivíduos que pensem criticamente, um lazer, um prazer, uma necessidade tão vital para o espírito humano quanto o alimento e água para o corpo físico. Porém, a verdade é que, mesmo considerada um direito de todos, não é acessível a todas as pessoas, inclusive crianças.

Dentro do ideal da igualdade proclamado pela burguesia, está o de criar um espaço de escola democrática. Frustrando-se o proposto, entretanto, continua a existir uma desigualdade real. A educação oferecida direciona-se à classe dominante. Da mesma forma, a leitura é proposta como um meio de entendimento da realidade da classe média. Assim sendo, houve uma exclusão total da classe baixa, que não alcança o patamar necessário para participar das leituras. Dessa maneira, iletrada, ou analfabeta funcional, a maioria da população não tem acesso aos textos literários.

Não existe prazer na arte de ler porque inexistente o ato da leitura. Não existe o desejo de ler porque o mesmo nunca foi cultivado. Por outro lado, a leitura na escola sempre se apresenta como obrigação, punição. Além disto, a cobrança inevitável em forma de ficha de leitura, exercícios gramaticais e outras atividades que utilizam o texto literário como um pretexto para a aprendizagem, despertam, ao invés do desejo, a aversão pela leitura.

Os múltiplos afazeres do cotidiano, segundo Pennac (1998), se configuram como um outro obstáculo à leitura, sendo o tempo dedicado a ela menos uma questão de organização do que uma questão de amor. E a leitura seria, portanto, uma decisão de resistir a esses impedimentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. *S/Z*. Tradução de Maria de Santa Cruz, Ana Maria Mafalda Leite. São Paulo: M. Fontes, 1980.

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Org.). *História da leitura no mundo ocidental*. Tradução de Fulvia M. L. Moretto, Guacira M. Machado, José Antônio M. Soares. São Paulo: Ática, 1998. 2 v.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. Tradução de Waltensir Dutra. 3.ed. São Paulo: M. Fontes, 1997.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996. 2 v.

JAUSS, Hans Robert. O prazer estético e as experiências fundamentais da poiesis, aisthesis e katharsis. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 63-82.

KLEIMAN, Ângela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 6.ed. Campinas: Pontes, 1999.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. 3.ed. São Paulo: Ática, 1999.

MORAIS, José. *A arte de ler*. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Ed. UNESP, [197-].

OLINTO, Heidrin Krieger. *Leitura e leitores: variações sobre temas diferentes*. In: VAZ, Paulo Bernardo; OLINTO, Heidrin Krieger; DAUSTER, Tânia. *Leitura e leitores*. Rio de Janeiro: Proler, 1994.

ORLANDI, Eni P. *Discurso e leitura*. 3. ed. São Paulo: Cortez, Campinas: Ed. UNICAMP, 1996

_____. *A produção da leitura e suas condições*. *Leitura: teoria e prática*, Porto Alegre, v. 2, n. 1, pp.20-25, abr. 1983.

PENNAC, Daniel. *Como um romance*. Tradução de Leny Wernek. 4.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

PROUST, Marcel. *Sobre a leitura*. Tradução de Carlos Vogt. 2.ed. Campinas: Pontes, 1991.

SAENGER, Paul. *A separação entre palavras e a fisiologia da leitura*. In: OLSON, David; TORRANCE, Nancy. *Cultura escrita e oralidade*. Trad. Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Ática, 1995. p. 211-227.

SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?* Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, [19--]

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1981.

_____. *Cultura e realidade brasileira*. 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

WELLEK, René; WARREN, Austin. *Teoria da literatura*. 4.ed. [S.l.]: Publicações Europa-América, [197-].

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: a literatura medieval*. Tradução de Amálio Pinheiro, Jerusa Pires. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

ENSAIOS APB

Coordenação editorial: Oswaldo Francisco de Almeida Júnior

- 92 - CALDIN, Clarice Fortkamp. A Leitura do Leitor: uma relação dialógica. Jul. 2001.
- 91 - LARA, Marilda Lopes Ginez de. Dos Sistemas de Classificação Bibliográfica às Search Engines (II). Junho. 2001.
- 90 - LARA, Marilda Lopes Ginez de. Dos Sistemas de Classificação Bibliográfica às Search Engines (I). Maio. 2001.
- 89 - SILINGOVSKI, Regina Rita Liberati. A "Gestão da Qualidade" na Administração e Organização de uma Unidade de Informação. Abr. 2001.
- 88 - ROSA, Maria Nilza Barbosa. A Formação da Opinião Profissional em Biblioteconomia. Mar. 2001.
- 87 - BARRETTO, Maria Paula R. Pereira. Universo Jurídico na Área da Biblioteconomia. Fev. 2001.
- 86 - VALENTIM, Marta Lúcia Pomim. Metadados (Revisão de Literatura). Jan. 2001.
- 85 - CÔRTE, Adelaide Ramos e. A Biblioteconomia frente às inovações tecnológicas. Dez. 2000.
- 84 - CUNHA, Miriam Vieira da. O Profissional da Informação: Formação e Mercado de Trabalho - 3 (Revisão de Literatura - Abordagens Institucional e Educativa e Funções). Nov. 2000.
- 83 - CUNHA, Miriam Vieira da. O Profissional da Informação: Formação e Mercado de Trabalho - 2 (Revisão de Literatura - Abordagem Funcional). Out. 2000.
- 82 - CUNHA, Miriam Vieira da. O Profissional da Informação: Formação e Mercado de Trabalho - 1 (Revisão de Literatura). Set. 2000.
- 81 - SILINGOVSKI, Regina Rita Liberati. O software "Database Marketing" como instrumento na tomada de decisões na administração da informação. Ago. 2000.
- 80 - MARCHIORI, Patrícia Zeni. Navegar é preciso: como entender a estrutura de busca na Web. Jul. 2000.
- 79 - MOLOGNI, Michele. Programa INFOINDEX: a agilidade no trabalho de classificação e indexação. Jun. 2000.
- 78 - TOMAÉL, Maria Inês et al. Fontes de informação na Internet: acesso e avaliação das disponíveis nos sites das Universidades. Maio 2000.
- 77 - TOMAÉL, Maria Inês et al. Critérios para avaliar fontes de informação na Internet. Abr. 2000.
- 76 - DUTRA, Miriam Regiane. A indústria da informação no Brasil: reflexões. Mar. 2000.
- 75 - VERGUEIRO, Waldomiro. Qualidade em serviços de informação: o foco no cliente. vol. 2. Fev. 2000.
- 74 - VERGUEIRO, Waldomiro. Qualidade em serviços de informação: o foco no cliente. vol. 1. Jan. 2000.
- 73 - SOUZA, Samuel R. M. de. Como fazemos as coisas por aqui? Bibliotecários e Cultura Organizacional. Dez. 99.
- 72 - PEREIRA, Enidélci A. Zaquia et al. Agentes de Tecnologia: uma experiência de estágio na área de informação e gerência do Curso de Biblioteconomia da UEL. Nov. 99.
- 71 - VALENTIM, Marta Lúcia Pomim. A atividade de investigação em Ciência da Informação. Out. 99.
- 70 - MARQUES, Eliana Maria. Biblioteca Pública no Brasil: sonho ou realidade? Set. 99.
- 69 - FIERLI, Aglaé de Lima, CATARINO, Maria Elisabete. Classificação Decimal de Dewey em CD-ROM. Ago. 99.
- 68 - FREIRE, Bernardina M. Juvenal, PEREIRA, Raquel G., LIMA, Geysa F. C. de. Biblioteca volante em canteiro de obras: relato de uma experiência. Jul. 99.
- 67 - ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Agorá informacional. Jun. 99.
- 66 - OLIVEIRA, Ana Lúcia Antunes de. A biblioteca escolar no processo de ensino-aprendizagem: uma experiência. Maio. 99.
- 65 - ALMEIDA, Elisângela Lino de. Conservação e acondicionamento de discos de vinil e fitas cassetes. Abr. 99.
- 64 - FIGUEIREDO, Nice. Automação das bibliotecas universitárias: a visão dos usuários. Mar. 99.
- 63 - BLATTMANN, Ursula, DUTRA, Sigrid Karin Weiss. Atividades em bibliotecas colaborando com a educação a distância. Fev. 99.
- 62 - LIMA, Vânia Mara Alves. Comunicação e representação documentária. Jan. 99.
- 61 - GOMEZ, Margarita Victoria. Educação e informática: caminho entrelaçado com a biblioteconomia. Dez. 98.
- 60 - BROWN, Doris R. O consórcio nas bibliotecas acadêmicas dos EUA. Nov. 98.
- 59 - MODESTO, Fernando. O bibliotecário e o mercado de trabalho: estratégias para o emprego. Out. 98.
- 58 - FIGUEIREDO, Nice. A automação das bibliotecas universitárias: resultado de pesquisa. Set. 98.
- 57 - SOUZA, Marta Alves de. Fontes de informação em Ciências Exatas: uma síntese. Ago. 98.
- 56 - SIQUEIRA, Maria das Graças. Ler é conquistar autonomia. Jul. 98.
- 55 - COSTA, Márcia Betânia da. Implantação do movimento 5S's em unidades de informação. Jun. 98.
- 54 - GAUZ, Valeria. O bibliófilo José Mindlin: impressões de um encontro. Maio. 98.
- 53 - RUSSO, Mariza. Bibliotecas universitárias brasileiras: diretrizes para o próximo milênio. Abr. 98.
- 52 - FERREIRA, Margarida M. Estudo do formato para registro bibliográfico Marc: volume 2. Mar. 98.
- 51 - FERREIRA, Margarida M. Estudo do formato para registro bibliográfico Marc: volume 1. Fev. 98.
- 50 - FIGUEIREDO, Nice. Repensando a biblioteca universitária brasileira: como prosseguir - notas para um projeto de pesquisa. Jan. 98.
- 49 - FIGUEIREDO, Nice. Repensando a biblioteca pública brasileira: considerações em torno de resultados de pesquisa. Dez. 97.
- 48 - TOMAÉL, Maria Inês. Informação e globalização: reflexos de uma nova era. Nov. 97.
- 47 - RECINE, Analúcia Viviani dos Santos. Análise de partituras. Out. 97.
- 46 - MODESTO, Fernando. O bibliotecário e o mercado de trabalho: alguns comentários. Set. 97.
- 45 - TÁLAMO, Maria de Fátima G. M. Linguagem documentária. Ago. 97.

- 44 – LIMA, Justino Alves. As entidades da biblioteconomia: uma tentativa de globalização e uma iniciativa de intervenção política. Jul. 97.
- 43 – BARRETO, Angela Maria. Conversas com quem gosta de informar. Jun. 97.
- 42 – FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. Elaboração de tesouros monolíngues com o programa TECER: considerações sobre o uso. Maio 97.
- 41 – SANTOS, Jussara Pereira. O ensino de biblioteconomia no Mercosul: propostas de integração e harmonização curricular. Abr. 97.
- 40 – SMIT, Johanna W., MACAMBYRA, Marina M. Tratamento de multimídia. Mar. 97.
- 39 – LIMA, Justino Alves. Mobilização para uma política de conservação e manutenção de acervos contra o agente biológico humano. Fev. 97.
- 38 – SOUZA, Francisco das Chagas de. O bibliotecário brasileiro e seu humanismo. Jan. 97.
- 37 – ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Roubo, depredação de materiais e campanhas educativas em bibliotecas: proposta de um modelo de avaliação. Dez. 96.
- 36 – FERREIRA, Sueli Mara S. P., KROEFF, Márcia S. Referências bibliográficas de documentos eletrônicos: vol. 2. Nov. 96.
- 35 – FERREIRA, Sueli Mara S. P., KROEFF, Márcia S. Referências bibliográficas de documentos eletrônicos: vol. 1. Out. 96.
- 34 – MARCHIORI, Patrícia Zeni. Eram os deuses astronautas? ou São os bibliotecários, profissionais da informação? Set. 96.
- 33 – MARTUCCI, Elisabeth Márcia. Abordagem qualitativa de pesquisa em biblioteconomia: uma introdução. Ago. 96.
- 32 – GUIMARÃES, José Augusto Chaves. A Legislação profissional do bibliotecário. Jul. 96.
- 31 – ARAÚJO, Eliany Alvarenga de. Sociedade de informação: espaço da palavra onde o silêncio mora? Jun. 96.
- 30 – BARTALO, Linete et al. A importância da leitura na formação do professor. Maio. 96.
- 29 – MODESTO, Fernando. Combate ao vírus de computador na biblioteca. Abr. 96.
- 28 – SOUZA, Marta Alves de. Internet: a rede global. Mar. 96.
- 27 – LANE, Sandra S., VAL, Marta R. S. Ribeiro do. Preservação de acervos de bibliotecas: Parte II. Um modelo de programa local. Fev. 96.
- 26 – LANE, Sandra S., VAL, Marta R. S. Ribeiro do. Preservação de acervos de bibliotecas: Parte I. Degradação dos materiais. Jan. 96.
- 25 – VERGUEIRO, Waldomiro C. S. Gestão da Qualidade e Bibliotecas Públicas: o difícil caminho para as instituições brasileiras. Dez. 95.
- 24 – SILVA, A. M. S., ALMEIDA, G. M. A. B., BELLUZZO, R. C. B. O Plano de Gestão da Qualidade e sua implantação na rede de bibliotecas da UNESP: relato de uma experiência. Nov. 95.
- 23 – SMIT, Johanna. Algumas questões sobre os documentos audiovisuais em bibliotecas. Out. 95.
- 22 – FARIA, Ivete Pieruccini. Livro e leitura no Brasil: alguns aspectos acerca da entrada do impresso no país. Set. 95.
- 21 – FUJINO, Asa. A gestão da informação no processo de cooperação universidade-empresa: uma visão crítica. Ago. 95.
- 20 – CÔRTE, Adelaide Ramos e. Memória técnica. Jul. 95.
- 19 – MODESTO, Fernando. Apontamentos sobre a ergonomia na implantação e uso do computador na biblioteca. Jun. 95.
- 18 – LIMA, Justino Alves. Bibliotecas e bibliotecários: o perfil de um caso. Maio 95.
- 17 – CARDIN, Tânia Maria Sanvezzo. Lixo reciclável x incentivo à leitura: uma relação que deu certo no município de Ibiporã - PR. Abr. 95.
- 16 – VALLS, Valéria. O espaço do bibliotecário no gerenciamento de documentos do Sistema da Qualidade. Mar. 95.
- 15 – ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Biblioteca pública: ambigüidade, conformismo e ação guerrilheira do bibliotecário. Fev. 95.
- 14 – VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Leitura Técnica e seu Papel na Pesquisa & Desenvolvimento. Jan. 95.
- 13 – ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. O Espaço da Biblioteca: uma reflexão. 1994.
- 12 – RIVA, Eliane Barbosa et al. Terceira Idade: programa integrado. 1994.
- 11 – TOMAZELLI, Angela M. et al. Criança de Periferia não Lê: desmistificação. 1994.
- 10 – SILVA, Helen de Castro et al. Um espaço para a Fantasia. 1994.
- 09 – LARROUDE, Rita Luisa et al. Terceira Idade: relato de uma experiência, 1991-1992. 1994.
- 08 – FERREIRA, Marta Nosé et al. Projeto "Soma". 1994.
- 07 – DIAS, Maria Cristina Santarém et al. Alternativas para Contornar a Crise da Leitura: uma experiência do ônibus-biblioteca na cidade de São Paulo. 1994.
- 06 – BARROS, Maria Helena T. C. de. A Atuação da Biblioteca Escolar: relato de uma crise. 1994.
- 05 – OLIVEIRA, Silas Marques de. A Crise dos recursos Humanos em Bibliotecas. 1994.
- 04 – MURGIA, Eduardo. A Crise da Informação. 1994.
- 03 – TAVARES, Maria Christina de Moraes. Atuação da Biblioteca Infante-Juvenil. 1994.
- 02 – MOSTAFA, Solange Puntel. Balcão de Informações: o mercado emergente. 1994.
- 01 – MELO, José Marques de. Comunicação de Massa x Leitura. 1994.